

Raniero Cantalamessa OFMCap

Advento 2016

Vaticano, capilla Redemptoris Mater

www.cantalamessa.org

Primeira pregação

“CREIO NO ESPÍRITO SANTO”	3
1. A novidade do pós-concílio	3
2. O credo lido de baixo	4
3. Um comentário ao “terceiro artigo”	6
<i>a. “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida”</i>	<i>6</i>
<i>b. “... e procede do Pai (e do Filho) e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”</i>	<i>7</i>
<i>c. “... e falou pelos profetas”</i>	<i>8</i>
4. Um artigo a ser completado	8

Segunda pregação

O ESPÍRITO SANTO E O CARISMA DO DISCERNIMENTO	10
1. O discernimento na vida eclesial	10
2. O discernimento na vida pessoal	12
3. Deixar-se guiar pelo Espírito Santo	15

Terceira pregação

A SÓBRIA EMBRIAGUEZ DO ESPÍRITO	17
1. Dois tipos de embriaguez	17
2. Da embriaguez à sobriedade	18
3. O batismo no Espírito	21

Quarta Pregação

“ENCARNADO NO SEIO DA VIRGEM MARIA POR OBRA DO ESPÍRITO SANTO”	24
1. Natal, mistério “para nós”	24
2. “Por obra do Espírito Santo”	25
3. “De Maria Virgem”	26
4. O terceiro nascimento de Jesus	28

PRIMEIRA PREGAÇÃO DE ADVENTO

“CREIO NO ESPÍRITO SANTO”

1. A novidade do pós-concílio

Com a celebração do 50º aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II, terminou a primeira fase do "pós-concílio" e abriu-se uma outra. Se a primeira fase foi caracterizada por problemas relacionados à "recepção" do Concílio, esta nova será caracterizada, creio eu, pelo completar e integrar o Concílio; em outras palavras, pela releitura do Concílio à luz dos frutos produzidos por este, destacando também o que nele está ausente, ou presente apenas de forma embrionária.

A maior novidade do pós-concílio, na teologia e na vida da Igreja, tem um nome específico: o Espírito Santo. O Concílio não havia ignorado a sua ação na Igreja, mas havia falado quase sempre "*en passant*", mencionando-o muitas vezes, mas sem destacar o seu papel central, nem sequer na constituição sobre a Liturgia. Em uma conversa, no tempo em que estávamos juntos na Comissão Teológica Internacional, recordo que o Pe. Yves Congar usou uma imagem forte a este respeito; falou de um Espírito Santo, espalhado aqui e ali nos textos, como se faz com o açúcar nos doces, mas que não se torna parte da composição da massa.

Mas o degelo havia começado. Podemos dizer que a intuição de São João XXIII do Concílio como sendo “um novo Pentecostes para a Igreja” encontrou a sua implementação somente mais tarde, terminado o concílio, como tem acontecido muitas vezes nas histórias dos concílios.

No próximo ano nós comemoramos o 50º aniversário do início, na Igreja Católica, da Renovação Carismática. É um dos muitos sinais – o mais evidente pela vastidão do fenômeno – do despertar do Espírito e dos carismas na Igreja. O Concílio havia preparado o caminho para a sua recepção, falando, na *Lumen Gentium*, da dimensão carismática da Igreja, juntamente com aquela institucional e hierárquica, e insistindo na importância dos carismas¹. Na homilia da Missa Crismal da Quinta-feira Santa de 2012, Bento XVI disse:

"Quem olha para a história da época pós-conciliar pode reconhecer a dinâmica da verdadeira renovação, que muitas vezes assumiu formas inesperadas em movimentos cheios de vida e que torna quase palpáveis a vivacidade inesgotável da Santa Igreja, a presença e a ação eficaz do Espírito Santo".

Ao mesmo tempo, a experiência renovada do Espírito Santo tem estimulado a reflexão teológica². Depois do concílio se multiplicaram os tratados sobre o Espírito Santo: dentre os

¹ *Lumen gentium* 12.

² Cf. *La riscoperta dello Spirito*. Esperienza e teologia dello Spirito Santo, a cura di Claus Hartmann e Heribert Muhlen, Milano 1975 (ed. originale, *Erfahrung und Theologie des Heiligen Geistes*, München 1974).

católicos, está o do próprio Congar³, de K. Rahner⁴, de H. Mühlen⁵ e de von Balthasar⁶, dentre os luteranos o de J. Moltmann⁷ e M. Welker⁸, e de muitos outros. Da parte do Magistério houve a encíclica de São João Paulo II "Dominum et vivificantem". Por ocasião do XVI centenário do concílio de Constantinopla, do 381, o próprio Sumo Pontífice, em 1982, promoveu um congresso internacional de Pneumatologia no Vaticano, cujas atas foram publicadas pela Livraria Editora Vaticana, em dois grandes volumes intitulados "Credo in Spiritum Sanctum⁹".

Nos últimos anos estamos observando passos decididos nessa direção. No fim de sua carreira, Karl Barth fez uma declaração provocativa que foi, em parte, também uma autocrítica. Disse que no futuro iria desenvolver uma teologia diferente, a "teologia do terceiro artigo". Por "terceiro artigo" entendia, naturalmente, o artigo do credo sobre o Espírito Santo. A sugestão não caiu no vazio. Desde que foi lançada a proposta surgiu a atual corrente denominada, precisamente, "Teologia do terceiro artigo".

Não acredito que tal corrente queira tomar o lugar da teologia tradicional (seria um erro se pretendesse), mas sim estar do lado e reaviva-la. Ela se propõe a fazer do Espírito Santo não somente o objeto do tratado que lhe diz respeito, a Pneumatologia, mas por assim dizer a atmosfera na qual se desenvolve toda a vida da Igreja e toda pesquisa teológica, "a luz dos dogmas", como um antigo Padre da Igreja definia o Espírito Santo.

O tratado mais completo desta recente corrente teológica é o volume de ensaios surgido em Inglês no último mês de setembro, com o título "Teologia do terceiro artigo. Para uma dogmática pneumatológica¹⁰". Nesse, partindo da doutrina trinitária da grande tradição, teólogos de várias Igrejas cristãs oferecem a sua contribuição, como premissa de uma teologia sistemática mais aberta ao Espírito e mais adequada às exigências atuais. Inclusive foi-me pedido, como católico, uma contribuição com um ensaio sobre "Cristologia e pneumatologia nos primeiros séculos da Igreja".

2. O credo lido de baixo

As razões que justificam esta nova orientação teológica não são apenas de ordem dogmáticas, mas também históricas. Em outras palavras, compreende-se melhor o que é e o que se propõe a teologia do terceiro artigo, se se leva em conta como se formou o atual símbolo Niceno-

³ Y. Congar, *Credo nello Spirito Santo*, 2, Brescia 1982, pp. 157-224

⁴ K. Rahner, *Erfahrung des Geistes. Meditation auf Pfingsten*, Herder, Friburgo i. Br. 1977.

⁵ H. Mühlen, *Der Heilige Geist als Person. Ich - Du - Wir*, Münster in W., 1963

⁶ U. von Balthasar, *Spiritus Creator*, Brescia 1972, p. 109.

⁷ J. Moltmann, *Lo Spirito della vita*, Brescia 1994, pp. 102-108

⁸ M. Welker, *Lo Spirito di Dio. Teologia dello Spirito Santo*, Brescia 1995, p.62.

⁹ Editi da Libreria Editrice Vaticana nel 1983.

¹⁰ *Third Article Theology: A Pneumatological Dogmatics*, a cura di Myk Habets, Fortress Press, Settembre 2016.

Constantinopolitano. A partir desta história pode-se ver com maior clareza a utilidade de ler uma vez tal símbolo “de trás para frente”, ou seja, começando do final, em vez do início.

Vou tentar explicar o que quero dizer. O símbolo Niceno-Constantinopolitano reflete a fé cristã na sua fase final, depois de todos os esclarecimentos e as definições conciliares, concluídas no V século. Reflete a ordem alcançada ao final do processo de formulação do dogma, mas não reflete o próprio processo. Não corresponde, em outras palavras, ao processo pelo qual, de fato, a fé da Igreja historicamente foi formada, e nem sequer corresponde ao processo pelo qual se chega à fé hoje, compreendida como fé viva em um Deus vivo.

No credo atual, parte-se de Deus Pai e criador, dele passa-se ao Filho e à sua obra redentora, e, por fim, ao Espírito Santo atuante na Igreja. Na verdade, a fé seguiu o caminho oposto. Foi a experiência Pentecostal do Espírito que levou a Igreja a descobrir quem era realmente Jesus e qual havia sido o seu ensinamento. Com Paulo e especialmente com João, se chega a subir de novo de Jesus ao Pai. É o Paráclito que, como prometido por Jesus (João 16, 13), conduz os discípulos à "verdade plena" sobre ele e o Pai.

São Basílio de Cesareia resumiu nestes termos o desdobramento da revelação e da história da salvação:

"O caminho do conhecimento de Deus procede do único Espírito, através do único Filho, até o único Pai; inversamente, a bondade natural, a santificação *secondo natura*, a dignidade real, se difundem pelo Pai, por meio do Unigênito, até o Espírito¹¹".

Em outras palavras, na ordem da criação e do ser, tudo parte do Pai, passa pelo Filho e chega a nós no Espírito; na ordem da redenção e do conhecimento, tudo começa com o Espírito Santo, passa pelo Filho Jesus Cristo e retorna ao Pai. Podemos dizer que São Basílio é o verdadeiro iniciador da teologia do terceiro artigo! Na tradição ocidental tudo isso é expresso de forma sucinta na última estrofe do hino Veni Creator. Dirigindo-se ao Espírito Santo, a Igreja reza dizendo:

Per te sciamus da Patrem,
noscamus atque Filium,
te utriusque Spiritum
credamus omni tempore.

Faça que por meio de ti conheçamos o Pai,
que conheçamos ao mesmo tempo o Filho
e em ti que es o Espírito de ambos
creiamos firmemente hoje e sempre.

¹¹ Basilio di Cesarea, *De Spiritu Sancto* XVIII, 47 (PG 32 , 153).

Isso de forma alguma significa que o Credo da Igreja não seja perfeito ou que deva ser reformado. Ele só pode ser assim do jeito que é. É a maneira de lê-lo que, por vezes, é útil mudar, para refazer o caminho com o qual se formou. Entre as duas formas de utilizar o credo – como um produto realizado, ou no seu próprio fazer-se –, existe a mesma diferença de fazer pessoalmente, no início da manhã, a escalada do Monte Sinai partindo do mosteiro de Santa Catarina, ou ler a narração de alguém que fez a escalada antes de nós.

3. Um comentário ao “terceiro artigo”

Com isto em mente, nas três meditações de Advento, gostaria de propor reflexões sobre alguns aspectos da ação do Espírito Santo, partindo precisamente do terceiro artigo do credo que lhe diz respeito. Este compreende três grandes afirmações. Vamos começar com a primeira:

a. “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida”.

O credo não diz que o Espírito Santo é "o" Senhor (acima, no credo, se proclama, "e creio em um só Senhor Jesus Cristo!"). Senhor (no texto original, *to kyrion*, neutro!) indica aqui a natureza, não a pessoa; diz *o que é*, não *quem é* o Espírito Santo. "Senhor" significa que o Espírito Santo compartilha o Senhorio de Deus, que está do lado do Criador, e não das criaturas; em outras palavras, que é de natureza divina.

A Igreja chegou a esta certeza baseando-se não somente na Escritura, mas também na própria experiência de salvação. O Espírito, já escrevia Santo Atanásio, não pode ser uma criatura, porque quando somos tocados por ele (nos sacramentos, na Palavra, na oração) fazemos a experiência de entrar em contato com Deus em pessoa, e não com o seu intermediário. Se nos diviniza, isso significa que ele próprio é Deus¹².

Não se poderia, no símbolo de fé, dizer a mesma coisa de forma mais explícita, definindo o Espírito Santo puramente e simplesmente “Deus e consubstancial ao Pai”, como havia sido feito para o Filho? Certamente, e foi precisamente essa a crítica movida rapidamente por alguns bispos, dentre os quais São Gregório de Nazianzo, à definição. Por razões de conveniência e de paz, eles preferiram dizer a mesma coisa com expressões equivalentes, atribuindo ao Espírito, além do título de Senhor, também a *isotimia*, ou seja, a igualdade com o Pai e o Filho na adoração e na glorificação da Igreja.

A expressão segundo a qual o Espírito Santo "dá a vida" é tomada de várias passagens do Novo Testamento: "É o Espírito que dá a vida" (Jo 6, 63); "A lei do Espírito dá a vida em Cristo Jesus" (Rm 8, 2); "O último Adão tornou-se espírito que dá a vida" (1 Cor 15, 45); "A letra mata, o Espírito dá a vida" (2 Cor 3, 6).

¹² S. Atanasio, *Lettere a Serapione*, I, 24 (PG 26, 585).

Temos três perguntas. Em primeiro lugar, *que vida dá* o Espírito Santo? Resposta: dá a vida divina, a vida de Cristo. Uma vida *super-naturale*, não uma super-vida natural; cria o homem novo, não o super-homem de Nietzsche "inchado de vida". Em segundo lugar, *onde nos dá uma vida assim?* Resposta: no batismo, que é apresentado, de fato, como um "renascer do Espírito" (Jo 3, 5), nos sacramentos, na palavra de Deus, na oração, na fé, no sofrimento aceite em união com Cristo. Em terceiro lugar, *como o Espírito nos dá a vida?* Resposta: fazendo morrer as obras da carne! "Se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis", diz São Paulo em Romanos 8, 13.

b. "... e procede do Pai (e do Filho) e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado"

Passemos agora à segunda grande afirmação do credo sobre o Espírito Santo. Até agora, o símbolo de fé nos falou da *natureza* do Espírito, não ainda da *pessoa*; nos disse *o que é*, não *quem é* o Espírito; falou-nos sobre o que é comum ao Espírito Santo, ao Pai e ao Filho – o fato de ser Deus e de dar a vida. Com a presente afirmação se passa ao que distingue o Espírito Santo do Pai e do Filho. O que o distingue do Pai é que *procede* dele (um é aquele que procede, outro de quem procede!); o que o diferencia do Filho é que procede do Pai e não por geração, mas por *inspiração*; para expressar-nos em termos simbólicos, não como o conceito (*logos*) que procede da mente, mas como o sopro que procede da boca.

É o elemento central do artigo do credo, aquele com o qual se pretendia definir o lugar que ocupa o Paráclito na Trindade. Esta parte do símbolo é conhecida especialmente pelo problema do *Filioque*, que foi por um milênio o objeto principal de desacordo entre o Oriente e o Ocidente. Não vou me debruçar sobre este problema já muito discutido, até porque eu mesmo já falei aqui, tratando sobre o acordo de fé entre Oriente e Ocidente na Quaresma do ano passado.

Vou apenas destacar o que podemos reter desta parte do símbolo e que enriquece a nossa fé comum, além das disputas teológicas. Isso nos diz que o Espírito Santo não é um parente pobre na Trindade. Não é um simples "modo de agir" de Deus, uma energia ou um fluido que permeia o universo como pensavam os estóicos; é uma "relação subsistente", portanto, uma pessoa.

Não tanto a "terceira pessoa do singular", mas sim "a primeira pessoa do plural". O "Nós" do Pai e do Filho¹³. Quando, para expressar-nos de modo humano, o Pai e o Filho falam do Espírito Santo, não dizem "eles", mas dizem "nós", porque ele é a unidade do Pai e do Filho. Aqui se vê a fecundidade extraordinária da intuição de Santo Agostinho para o qual o Pai é aquele que ama, o Filho o amado e o Espírito o amor que os une, o dom mútuo. Sobre isso está baseada a crença da Igreja ocidental, segundo a qual o Espírito Santo procede "do Pai e do Filho".

¹³ Cf H. Mühlen, *Der Heilige Geist als Person. Ich - Du - Wir*, Aschendorff, Münster in W. 1963. Il primo a definire lo Spirito Santo il «divino Noi» è stato S. Kierkegaard, *Diario* II A 731 (23 aprile 1838).

O Espírito Santo, apesar de tudo, será sempre o Deus escondido, mesmo se conhecemos os efeitos. Ele é como o vento: ninguém sabe de onde vem e para onde vai, mas vemos os efeitos da sua passagem. É como a luz que ilumina tudo o que está à frente, ficando ela própria escondida.

Por isso é a pessoa menos conhecido e amada das Três, apesar de ser o Amor em pessoa. Nos é mais fácil pensar no Pai e no Filho como “pessoas”, mas é mais difícil para nós o Espírito. Não existem categorias humanas que podem ajudar-nos a compreender este mistério. Para falar de Deus Pai nos ajudamos da filosofia que trata da causa primeira (o Deus dos filósofos); para falar do Filho temos a analogia da relação humana pai-filho e temos também a história, já que o Verbo se fez carne. Para falar do Espírito Santo só temos a revelação e a experiência. A própria Escritura fala dele servindo-se quase sempre de símbolos naturais: a luz, o fogo, o vento, a água, o perfume, a pomba.

Compreenderemos totalmente quem é o Espírito Santo só no paraíso. Na verdade, o viveremos em uma vida que não terá fim, em um aprofundamento que nos dará alegria imensa. Será como um incêndio muito doce que inundará a nossa alma e a encherá de bem-aventuranças, como quando o amor invade o coração de uma pessoa e esta se sente feliz.

c. "... e falou pelos profetas"

Estamos na terceira e última grande afirmação sobre o Espírito Santo. Depois de professar a nossa fé na ação vivificante e santificadora do Espírito na primeira parte do artigo (o Espírito que é o Senhor e dá a vida), agora se menciona também a sua ação carismática. Dessa se nomeia um carisma por todos, aquele que Paulo disse ser o primeiro por importância, ou seja, a profecia (cf. 1 Cor 14).

Até do carisma profético se menciona somente um momento: o Espírito que “falou por meio dos profetas”, ou seja, no Antigo Testamento. A afirmação é baseada em vários textos da Escritura, mas, em particular, em 2 Pedro 1, 21: "Movidos pelo Espírito Santo, falaram alguns homens da parte de Deus."

4. Um artigo a ser completado

A Carta aos Hebreus diz que "depois de falar um tempo por meio dos profetas, nos últimos tempos, Deus falou a nós no Filho" (cf. Hb 1,1-2). O Espírito não parou, então, de falar por meio dos profetas; o fez com Jesus e o faz ainda hoje na Igreja. Esta e outras lacunas do símbolo foram preenchidas gradualmente na prática da Igreja, sem necessidade, para isso, de mudar o texto do credo (como aconteceu, infelizmente, no mundo latino, com a adição do *Filioque*). Vemos um exemplo na epiclese da liturgia ortodoxa rezada por São Tiago, que diz assim:

"Envia... o teu santíssimo Espírito, Senhor e vivificador, que senta contigo, Deus e Pai, e com o teu Filho unigênito; que reina consubstancial e co-eterno. Ele falou na Lei, nos Profetas e no Novo Testamento; desceu em forma de pomba em nosso Senhor Jesus

Cristo no rio Jordão, repousando sobre ele, e desceu sobre os santos apóstolos... no dia do Santo Pentecostes¹⁴.

Ficaria decepcionado quem quisesse encontrar no artigo sobre o Espírito Santo tudo, ou talvez só o melhor, da revelação bíblica sobre ele. Isso mostra a natureza e o limite de cada definição dogmática. O seu objetivo não é dizer tudo sobre um dado de fé, mas traçar um perímetro dentro do qual deve-se colocar cada afirmação sobre tal dado e que nenhuma afirmação pode contradizê-lo. A isso deve-se acrescentar, no nosso caso, o fato de que o artigo foi elaborado em um momento no qual a reflexão sobre o Paráclito estava apenas no começo e razões históricas contingentes (o desejo de paz do imperador) impunham, como mencionei acima, um acordo entre as partes.

Contudo, nós não fomos abandonados somente com as palavras do credo sobre o Paráclito. A teologia, a liturgia e a piedade cristã, tanto no Oriente como no Ocidente, cobriram de “carne e sangue” as poucas afirmações do símbolo de fé.

Na sequência de Pentecostes, a relação íntima e pessoal com o Espírito Santo com cada palavra (uma dimensão completamente ausente no símbolo), é expressa por títulos como Pai dos pobres, luz dos corações, doce hóspede da alma e dulcíssimo alívio. A mesma sequência dirige ao Espírito Santo uma série de orações que são especialmente belas e respondem às nossas necessidades. Concluimos, proclamando-as juntos, talvez tentando encontrar entre elas aquela que sentimos mais necessária para nós:

Lava quod est sordidum,
riga quod est aridum,
sana quod est saucium.

Flecte quod est rigidum,
fove quod est frigidum,
rege quod est devium.

Lava o que está impuro,
molha o que está seco,
cura o que sangra.

Dobra o que está rígido,
aquece o que está frio,
endireita o que está torto.

¹⁴ In A. Hännggi - I. Pahl, *Prex Eucharistica*, Fribourg, Suisse, 1968, p. 250.

SEGUNDA PREGAÇÃO DE ADVENTO

O ESPÍRITO SANTO E O CARISMA DO DISCERNIMENTO

Continuamos as nossas reflexões sobre a obra do Espírito Santo na vida do cristão. São Paulo menciona um carisma particular chamado de "discernimento dos espíritos" (1 Cor 12, 10). Originalmente, este termo tem um significado muito específico: indica o dom que permite distinguir, entre as palavras inspiradas ou proféticas pronunciadas durante uma assembleia, aquelas que vêm do Espírito de Cristo daquelas que vêm de outros espíritos, a saber, ou do espírito do homem, ou do espírito demoníaco, ou do espírito do mundo.

Também para o evangelista João este é o sentido fundamental. O discernimento consiste em "colocar à prova as inspirações a fim de testar se provêm realmente de Deus" (1 Jo 4,1-6). Para Paulo, o critério fundamental do discernimento é a confissão de Cristo como "Senhor" (1 Cor 12, 3); Para João é a confissão de que Jesus "veio na carne", ou seja, a encarnação. Já com ele o discernimento começa a ser usado em função teológica, como critério para discernir as verdadeiras das falsas doutrinas, a ortodoxia da heresia, o que será fundamental mais tarde.

1. O discernimento na vida eclesial

Existem dois campos nos quais se deve exercer esse dom do discernimento da voz do Espírito: o eclesial e o pessoal. No campo eclesial, o discernimento dos espíritos é exercido com autoridade pelo magistério, mas deve levar em conta, entre outros critérios, também o "senso dos fiéis", o "sensus fidelium".

Quero me concentrar em um ponto em particular, que pode ser útil na discussão atual na Igreja sobre alguns problemas particulares. Trata-se do discernimento dos sinais dos tempos. O concílio declarou:

"É dever permanente da Igreja perscrutar os sinais dos tempos e de interpreta-los à luz do Evangelho, de modo que em uma linguagem inteligível para cada geração, possa responder às questões perenes que os homens se fazem sobre o sentido desta vida presente e futura e sobre sua relação mútua¹⁵"

É claro que, se a Igreja deve perscrutar os sinais dos tempos à luz do Evangelho, não é para aplicar aos "tempos", ou seja, às situações e aos novos problemas que surgem na sociedade, os remédios e as regras de sempre, mas sim para dar novas respostas a eles, "adequadas para cada geração", como diz o texto do concílio que acabamos de citar. A dificuldade encontrada neste caminho - e que deve ser tomada com toda a sua seriedade - é o medo de comprometer a autoridade do magistério, reconhecendo as mudanças em seus pronunciamentos.

¹⁵ *Gaudium et spes*, 4.

Há uma consideração que pode ajudar, eu acho, a superar, em espírito de comunhão, esta dificuldade. A infalibilidade que a Igreja e o Papa reivindicam para si, não é certamente de grau superior à que se atribui à própria Escritura revelada. Bom, a inerrância bíblica garante que o Escritor sagrado expressa a verdade no modo e no grau em que ela podia ser expressada no momento em que escreve. Vemos que muitas verdades são formadas lentamente e gradualmente, como a da vida após a morte e da vida eterna. Também no âmbito moral, muitos usos e leis anteriores são, em seguida, abandonados para dar lugar a leis e critérios mais correspondentes ao espírito da Aliança. Um exemplo entre todos: no Êxodo se afirma que Deus pune os pecados dos pais nos filhos (cf. Ex 34, 7), mas Jeremias e Ezequiel dirão o contrário, ou seja, que Deus não pune os pecados dos pais nos filhos, mas que cada um deverá responder pelas próprias ações (cf. Jer 31, 29-30; Ez 18,1ss).

No Antigo Testamento, o critério pelo qual são superadas as prescrições anteriores é o de uma melhor compreensão do espírito da Aliança e da Torá; na Igreja o critério é o de uma contínua releitura do Evangelho à luz das novas questões. "Scriptura cum legentibus crescit", dizia São Gregório Magno: A Escritura cresce com aqueles que a lêem¹⁶.

Agora sabemos que a regra constante da ação de Jesus no Evangelho, em termos de moralidade, é resumida em poucas palavras: "Não ao pecado, sim ao pecador". Ninguém é mais severo do que ele para condenar a riqueza injusta, mas se auto-convida para a casa de Zaqueu e com a sua simples aproximação muda-lhe a vida. Condena o adultério, até mesmo o do coração, mas perdoa a adúltera e lhe dá de novo a esperança; reafirma a indissolubilidade do matrimônio, mas conversa com a Samaritana que havia tido cinco maridos e lhe revela o segredo que não havia dito a ninguém mais, de forma tão explícita: "Este sou eu (o Messias) que vos fala" (Jo 4, 26).

Se nos perguntarmos como se justifica teologicamente uma distinção tão clara entre pecado e pecador, a resposta é simples: o pecador é uma criatura de Deus, feita à sua imagem, e preserva a própria dignidade, apesar de todas as aberrações; o pecado não é obra de Deus, não vem Dele, mas do inimigo. É a mesma razão pela qual Cristo se tornou "semelhante a nós em tudo, exceto no pecado" (Hb 4, 15).

Um fator importante para cumprir esta tarefa de discernir os sinais dos tempos é a colegialidade dos bispos. Diz um texto da *Lumen Gentium*, que essa colegialidade permite "decidir em comum todas as questões mais importantes, por meio de uma decisão que a opinião do conjunto permite equilibrar¹⁷". O exercício efetivo da colegialidade traz como consequência o discernimento e à solução dos problemas a variedade das situações locais e dos pontos de vista, as luzes e os vários dons, dos quais cada igreja e cada bispo é um portador.

¹⁶ S. Gregorio Magno, *Omèlie su Ezechiele* 1.7, 8 (CCC 94).

¹⁷ *Lumen gentium*, 22.

Temos um claro exemplo disso precisamente no primeiro “concílio” da Igreja, o de Jerusalém. Lá se deu amplo espaço aos dois pontos de vista em contraste, o dos judaizantes e o dos favoráveis à abertura aos pagãos; houve uma “discussão acalorada”, mas, no fim isso lhes permitiu anunciar as decisões com aquela extraordinária fórmula: “Decidimos, o Espírito Santo e nós, ... (Atos 15, 6ss).

Percebe-se disso como o Espírito guia a Igreja de duas maneiras diferentes: às vezes diretamente e carismaticamente, através da revelação e inspiração proféticas; outras vezes, colegialmente, através do paciente e difícil confronto, e até mesmo o acordo, entre as partes e os diferentes pontos de vista. O discurso de Pedro no dia de Pentecostes e na casa de Cornélio é muito diferente daquele feito depois, para justificar a sua decisão diante dos anciãos (cf. Atos 11, 4-18; 15, 14); o primeiro é do tipo carismático, o segundo é do tipo colegial.

Devemos, portanto, ter confiança na capacidade do Espírito para realizar, no final, o acordo, embora às vezes pareça que todo o processo esteja saindo do controle. Toda vez que os pastores das Igrejas cristãs, a nível local ou universal, se reúnem para fazer discernimento ou tomar decisões importantes, deveria haver no coração de cada um a confiante certeza de que o *Veni creator* está contido nos nossos dois versos: *Ductore sic te praeviso – vitemus omne noxium*, “contigo, que es nosso guia, evitaremos todo mal”.

2. O discernimento na vida pessoal

Passemos agora para o discernimento na vida pessoal. Como carisma aplicado aos indivíduos, o discernimento dos espíritos sofreu uma notável evolução ao longo dos séculos. No início, vimos, o dom se destinava a discernir as inspirações dos outros, daqueles que tinham falado ou profetizado na assembleia; mais tarde, serviu especialmente para discernir as *próprias* inspirações.

A evolução não é arbitrária; trata-se, de fato, do mesmo dom, embora aplicado a objetos diferentes. Grande parte do que os autores espirituais escreveram sobre o “*dom* do conselho”, aplica-se também ao *carisma* do discernimento. Por meio do dom, ou carisma, do conselho, o Espírito Santo ajuda a avaliar as situações e orientar as escolhas, não apenas com base em critérios de sabedoria e prudência humanas, mas também à luz dos princípios sobrenaturais da fé.

O primeiro e fundamental discernimento dos espíritos é o que nos permite distinguir "o Espírito de Deus" do "espírito do mundo" (cf. 1 Cor 2, 12). São Paulo dá um critério objetivo de discernimento, o mesmo que havia dado Jesus: aquele dos frutos. As “obras da carne” revelam que um certo desejo vem do homem velho pecaminoso; “os frutos do Espírito” revelam que vem do Espírito (cf. Gl 5, 19-22).

"De fato, a carne tem desejos contrários ao Espírito e o Espírito tem desejos contrários à carne" (Gl 5, 17).

Às vezes este critério objetivo não é suficiente, porque a escolha não é entre o bem e o mal, mas entre um bem e outro bem e trata-se de ver o que Deus quer, em uma circunstância específica. Foi especialmente para responder a esta exigência que Santo Inácio de Loyola desenvolveu a sua doutrina do discernimento. Ele convida a olhar especialmente uma coisa: as próprias disposições interiores, as intenções (os “espíritos”) que estão por trás de uma escolha específica. Assim ele se coloca em uma tradição já estabelecida. Um autor medieval escreveu:

"Quem pode examinar as inspirações, se provêm de Deus, se não lhe foi dado por Deus o seu discernimento, para assim poder examinar exatamente e com reto juízo os pensamentos, as disposições, as intenções do espírito? O discernimento é como a mãe de todas as virtudes e é necessário para todos na tarefa de guiar a vida, tanto a própria quanto a dos outros... Este é, portanto, o discernimento: a união do reto juízo e da virtuosa intenção¹⁸".

Santo Inácio sugeriu alguns meios práticos para aplicar esses critérios¹⁹. Um deles é este. Quando nos deparamos diante de duas possíveis escolhas, é útil debruçar-se primeiro sobre uma, como se fosse segui-la, permanecer em tal estado por um dia ou mais; portanto, avaliar as reações do coração diante de tal escolha: se dá paz, se harmoniza com o resto das outras escolhas; se algo dentro de você te incentiva naquela direção, ou, pelo contrário, se a coisa causa uma inquietação. Repetir o processo com a segunda hipótese. Tudo em uma atmosfera de oração, de abandono à vontade de Deus, de abertura ao Espírito Santo.

Na base do discernimento em Santo Inácio de Loyola, está a doutrina da "santa indiferença²⁰". Ela consiste em colocar-se em um estado de total disponibilidade para acolher a vontade de Deus, renunciando, de partida, toda preferência pessoal, como uma balança pronta para inclinar-se para o lado de maior peso. A experiência da paz interior se torna, assim, o principal critério em todo discernimento. Deve-se ver como vontade de Deus a escolha que, depois de longa ponderação e oração, vem acompanhada por maior paz do coração.

Basicamente, trata-se de colocar em prática o velho conselho que o sogro Jetro deu a Moisés: "apresentar os assuntos a Deus" e esperar em oração a sua resposta (cf. Ex 18, 19). Uma habitual disposição de fundo para fazer, em qualquer caso, a vontade de Deus, é a condição mais favorável para um bom discernimento. Jesus dizia: "O meu julgamento é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (Jo 5, 30).

O perigo de algumas formas modernas de entender e praticar o discernimento é de enfatizar de tal forma os aspectos psicológicos, que se esquece o agente primário de todo o discernimento que é o Espírito Santo. O evangelista João vê como o fator decisivo no discernimento "a união que vem do Santo" (1 Jo 2, 20). Também Santo Inácio recorda ainda que em certos casos é apenas

¹⁸ Baldovino di Canterbury, *Trattati*, 6 (PL 204, 466).

¹⁹ Cf. S. Ignazio di Loyola, *Esercizi spirituali*, quarta settimana (ed. BAC, Madrid 1963, pp. 262 ss).

²⁰ Cf. G. Bottreau, *Indifference*, in "Dictionnaire de Spiritualité", vol 7, coll. 1688 ss

a unção do Espírito Santo que nos permite discernir o que é para ser feito²¹. Há uma profunda razão teológica disso. O próprio Espírito Santo é a vontade substancial de Deus e quando entra em uma alma "se manifesta como a própria vontade de Deus para aquele no qual se encontra²²".

O discernimento não é, no fundo, nem uma arte, nem uma técnica, mas um carisma, ou seja, um dom do Espírito! Os aspectos psicológicos têm uma grande importância, mas "secundária", ou seja, estão em segundo lugar. Um Padre antigo escrevia:

"Purificar o intelecto é coisa só do Espírito Santo... Deve-se, portanto, com todos os meios, especialmente com a paz da alma, fazer 'repousar' sobre nós o Espírito Santo, para ter conosco, sempre acesa, a lâmpada do conhecimento. Se ela brilha sem interrupção nos descansos da alma, não só os mesquinhos e tenebrosos assaltos dos demônios se tornam claros para o intelecto, como também ficam totalmente desprovidos de força, expostos, como são, por aquela santa e gloriosa luz. Por isso o Apóstolo diz: *Não apaguem o Espírito* (1 Ts 5, 19)²³.

Normalmente, o Espírito Santo não difunde esta luz na alma de maneira milagrosa e extraordinária, mas de forma muito simples, através da palavra da Escritura. Os mais importantes discernimentos da história da Igreja aconteceram assim. Foi ouvindo a palavra do evangelho: "Se queres ser perfeito...", que Antonio compreendeu o que devia fazer e começou o monaquismo.

Foi da mesma forma que Francisco de Assis recebeu a luz para começar o seu movimento de retorno ao evangelho. "Depois que o Senhor me deu alguns frades - escreve em seu Testamento - ninguém me mostrava o que eu deveria fazer, mas o próprio Altíssimo me revelou que eu devia viver de acordo com a forma do santo evangelho". Revelou-lhe ouvindo, durante uma Missa, a passagem evangélica na qual Jesus disse aos discípulos para irem ao mundo "sem levar nada para a viagem: nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas" (cf. Lc 9, 3)²⁴.

Eu próprio me lembro de um pequeno caso do gênero. Um homem veio a mim durante uma missão, apresentando-me o seu problema. Tinha um menino de 11 anos ainda sem batizar. "Se eu batizá-lo, disse ele, começarei um drama na família, porque minha mulher virou testemunha de Jeová e não quer ouvir falar de batizá-lo na Igreja; se não o batizo, não me sinto tranquilo na consciência, porque quando nos casamos os dois éramos católicos e prometemos batizar os nossos filhos". Um caso clássico de discernimento. Eu disse-lhe para voltar no dia seguinte, para me dar tempo de orar e refletir. No dia seguinte vejo-o vir ao meu encontro radiante e disse-me: "Encontrei a solução, padre. Li na minha Bíblia o episódio de Abraão e vi que quando Abraão levou o seu filho para sacrificar, não disse nada à sua mulher!" A palavra de Deus o havia

²¹ S. Ignazio di Loyola, *Costituzioni*, 141. 414 (ed. cit., pp. 452.503).

²² Cf. Guglielmo di St. Thierry, *Lo specchio della fede*, 61 (SCh 301, p. 128).

²³ Diadoto di Fotica, *Cento capitoli*, 28 (SCh 5, pp. 87 ss.).

²⁴ Celano, *Vita prima*, 22 (FF, 356).

iluminado melhor do que qualquer conselheiro humano. Eu próprio batizei o menino e foi uma grande alegria para todos.

Além da escuta da Palavra, a prática mais comum para exercer o discernimento a nível pessoal é o exame de consciência. Este não deveria ser limitado somente à preparação da confissão, mas deveria tornar-se uma capacidade constante de colocar-se sob a luz de Deus e deixar-se “perscrutar” no íntimo por ele. Por causa de um exame de consciência não praticado ou não realizado bem, até a graça da confissão se torna problemática: ou não se sabe o que confessar, ou fica muito carregada de um peso psicológico e pedagógico, ou seja, destinada unicamente ao melhoramento da vida. Um exame de consciência que se reduz só à preparação da confissão consegue identificar alguns pecados, mas não leva a uma relação autêntica, a um face a face com Cristo. Torna-se facilmente uma lista de imperfeições, confessadas para sentir-se melhor, sem aquela atitude de real arrependimento que nos permite experimentar a alegria de ter em Jesus “um tão grande Redentor”.

3. Deixar-se guiar pelo Espírito Santo

O fruto concreto desta meditação deve ser uma decisão renovada de confiar-nos em tudo e por tudo à orientação interior do Espírito Santo, como por uma espécie de "direção espiritual". Está escrito que “quando a nuvem se levantava e deixava a Morada, os israelitas levantavam o acampamento e se a nuvem não se levantava, eles não partiam” (Ex 40, 36-37). Nós, também, não devemos começar nada, se não for o Espírito Santo, (cuja nuvem, segundo os Padres, era figura²⁵), a mover-nos e sem tê-lo consultado antes de qualquer ação.

Temos o exemplo mais luminoso na própria vida de Jesus. Ele nunca empreendeu nada sem o Espírito Santo. Com o Espírito Santo foi para o deserto; com o poder do Espírito Santo voltou e começou a sua pregação; "No Espírito Santo", escolheu os seus apóstolos (cf. At 1,2); no Espírito orou e ofereceu-se ao Pai (cf. Hb 9, 14).

Devemos precaver-nos contra uma tentação: aquela de querer dar conselhos ao Espírito Santo, em vez de recebê-los: "Quem guiou o Espírito do Senhor ou, como seu conselheiro, lhe deu sugestões?" (Is 40,13). O Espírito Santo dirige todos, e não é dirigido por ninguém; guia, não é guiado. Há um modo sutil de sugerir ao Espírito Santo o que deveria fazer conosco e como deveria guiar-nos. Às vezes, muitas vezes, nós tomamos decisões e as atribuímos com facilidade ao Espírito Santo.

Santo Tomás de Aquino fala desta condução interior do Espírito como de uma espécie de “instinto próprios dos justos”: “Como na vida corporal, escreve, o corpo só é movido pela alma que o vivifica, assim na vida espiritual cada movimento nosso deveria vir do Espírito Santo²⁶”. É

²⁵ S. Ambrogio, *Sullo Spirito Santo*, III, 4, 21; *Sui sacramenti*, I, 6, 22.

²⁶ S. Tommaso d’Aquino, *Sulla lettera ai Galati*, c.V, lez.5, n.318; lez. 7, n. 340.

assim que age a “lei do Espírito”; isso é o que o Apóstolo chama de "deixar-se guiar pelo Espírito” (Gl 5,18).

Devemos abandonar-nos ao Espírito Santo como as cordas da harpa nos dedos daquele que as movem. Como bons atores, manter o ouvido atento à voz do conselheiro escondido, para recitar fielmente a nossa parte na cena da vida. É mais fácil do que se pensa, porque o nosso conselheiro nos fala dentro, nos ensina cada coisa, nos instrui sobre tudo. Basta às vezes um simples olhar interior, um movimento do coração, uma oração. De um santo bispo do II século, Melitão de Sardes, se lê este bonito elogio que eu gostaria que pudesse ser feito de cada um de nós depois da morte: “Na sua vida fez tudo no Espírito Santo²⁷”.

Peçamos ao Paráclito para dirigir a nossa mente e toda a nossa vida, com as palavras de uma oração que é recitada no ofício de Pentecostes das Igrejas de rito siríaco:

"Espírito que distribuis a cada um os carismas;
Espírito de sabedoria e de ciência, amante dos homens;
que preenche os profetas, aperfeiçoa os apóstolos,
fortificas os mártires, inspiras os ensinamentos dos doutores!
É a ti, Deus Paráclito, que voltamos a nossa oração.
Pedimos-te para nos renovar com os teus santos dons,
para pousares sobre nós como sobre os apóstolos no Cenáculo.
Efunde sobre nós os teus carismas, preenche-nos com a sabedoria da tua doutrina;
faze de nós templos da tua glória,
inebria-nos com a bebida da tua graça.
Doa-nos viver para ti, ceder a ti e adorar a ti,
tu o puro, o santo, Deus Espírito Paráclito²⁸”.

²⁷ Eusebio di Cesarea, *Storia ecclesiastica*, V, 24, 5.

²⁸ *Pontificale Syrorum*, in E.-P. Siman, *L'expérience de l'Esprit*, cit., p.309.

TERCEIRA PREGAÇÃO DE ADVENTO 2016

A SÓBRIA EMBRIAGUEZ DO ESPÍRITO

1. Dois tipos de embriaguez

Na segunda-feira depois de Pentecostes de 1975, no encerramento do Primeiro Congresso Mundial da Renovação Carismática Católica, o Beato Paulo VI dirigiu, aos dez mil participantes reunidos na Basílica de São Pedro, umas palavras, na quais definiu a Renovação Carismática como "uma oportunidade para a Igreja". Após ter lido o seu discurso oficial, o Papa acrescentou, improvisando, estas palavras:

"No hino que lemos esta manhã no breviário e que remonta a Santo Ambrósio, no século IV, há esta frase difícil de traduzir, embora muito simples: *Laeti*, que significa com alegria; *bibamus*, que significa bebamos; *sobriam*, que significa bem definida e moderada; *profusionem Spiritus*, ou seja a abundância do Espírito. 'Laeti bibamus sobriam profusionem Spiritus'. Poderia ser o lema impresso em seu movimento: um programa e um reconhecimento do próprio movimento".

O mais importante, que deve ser notado de imediato, é que essas palavras do hino certamente não foram escritas originalmente para a Renovação Carismática. Elas sempre fizeram parte, sempre, da Liturgia das Horas da Igreja universal; são, portanto, uma exortação dirigida a todos os cristãos e, como tal, eu gostaria de apresentá-las de novo, nestas meditações dedicadas à presença do Espírito Santo na vida da Igreja.

De fato, no texto original de Santo Ambrósio, no lugar de "profusionem Spiritus", abundância do Espírito, há "ebrietatem Spiritus, ou seja, a embriaguez do Espírito"²⁹. A tradição, mais tarde, tinha considerado esta última expressão demasiado ousada e a havia substituído por uma mais branda e aceitável. No entanto, desta forma, perdia-se o sentido de uma metáfora tão antiga quanto o próprio cristianismo. Precisamente por isso, na tradução italiana do Breviário, retomou-se o texto original do verso Ambrosiano. Uma estrofe do hino das Laudes da Quarta Semana do saltério, em língua italiana, de fato, diz:

Seja Cristo o nosso alimento,
seja Cristo a água viva:
nele provamos sóbrios
a embriaguez do Espírito.

²⁹ Santo Ambrósio, Hino "Splendor paternae gloriae", in Sancti Ambrosii, Opera, 22: Hymni, Inscriptiones, Fragmenta, Milão, Roma 1994, p. 38.

O que levou os padres a retomar o tema da “sóbria embriaguez”, já desenvolvido por Filon de Alexandria³⁰, foi o texto no qual o Apóstolo exorta os cristãos de Éfeso, dizendo:

"E não vos embriagueis com vinho, que é porta para a devassidão, mas buscai a plenitude do Espírito. Falai uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em vosso coração" (Ef 5,18-19).

A partir de Orígenes, são incontáveis os textos dos Padres que ilustram este tema, ora utilizando a analogia, ora o contraste entre embriaguez material e embriaguez espiritual. A analogia consiste no fato de que os dois tipos de embriaguez infundem alegria, fazem esquecer as preocupações e fazem sair de si mesmos. O contraste consiste no fato de que enquanto a embriaguez material (de álcool, de drogas, de sexo, de sucesso) causa instabilidade e insegurança, aquela espiritual causa estabilidade no bem; a primeira faz sair de si mesmos para viver além do próprio nível racional, a segunda faz sair de si mesmos, mas para viver além da própria razão. Para ambas usa-se a palavra “êxtase” (o nome dado recentemente a uma droga mortal!), Mas um é um êxtase para baixo, o outro um êxtase para o alto.

Aqueles que pensaram no dia de Pentecostes que os Apóstolos estavam embriagados tinham razão, escreve São Cirilo de Jerusalém; o único erro deles foi atribuir a causa da embriaguez ao vinho ordinário, enquanto que nesse caso se tratava do “vinho novo”, espremido da “videira verdadeira” que é Cristo; os apóstolos estavam, sim, embriagados, mas daquela embriaguez que mata o pecado e dá vida ao coração³¹.

Aproveitando a deixa do episódio da água que jorrou da rocha no deserto (Ex 17, 1-7), e do comentário sobre isso que faz São Paulo na sua Carta aos Coríntios ("Todos beberam da mesma bebida espiritual... Todos nós bebemos de um só Espírito") (1 Cor 10,4; 12,13), o próprio Santo Ambrósio escrevia:

"O Senhor Jesus fez derramar água da rocha e todos beberam dela. Aqueles que dessa água beberam na figura, foram saciados; aqueles que beberam dela na verdade, ficaram até mesmo embriagados. Boa é a embriaguez que infunde alegria. Boa é a embriaguez que fortalece os passos da mente sóbria... Beba Cristo que é a videira; beba Cristo que é a rocha da qual jorrou a água; beba Cristo para beber o seu discurso... A Escritura divina se bebe, a Escritura divina se devora quando o suco da palavra eterna desce para as veias da mente e para a energia da alma³²".

2. Da embriaguez à sobriedade

Como fazer para retomar aquele ideal da sóbria embriaguez e encarná-lo na presente situação histórica e eclesial? Onde está escrito, de fato, que um modo tão “forte” de experimentar o

³⁰ Filon de Alexandria, *Legum allegoriae*, I, 84 (ed. Claude Mondesert, Paris, u Cerf 1962, p. 88 (*methē nefalios*)).

³¹ S. Cirilo de G., Cat. XVII, 18-19 (PG 33, 989).

³² S. Ambrosio, *Comm. al Sal* 1, 33.

Espírito era uma prerrogativa exclusiva dos Padres e dos primeiros tempos da Igreja, mas que não o é mais para nós? O dom de Cristo não se limita a uma época específica, mas oferece-se para todas as épocas. Há o suficiente para todos, no tesouro da sua redenção. É precisamente papel do Espírito tornar universal a redenção de Cristo, disponível para cada pessoa, em cada ponto do tempo e do espaço.

No passado, a ordem que se inculcava era, no geral, a que vai da sobriedade à embriaguez. Em outras palavras, o caminho para alcançar a embriaguez espiritual, ou o fervor, pensava-se, era a sobriedade, ou seja, a abstinência das coisas, da carne, o jejum do mundo e de si mesmos, em uma palavra, a mortificação. Neste sentido o conceito de sobriedade foi aprofundado especialmente pela espiritualidade monástica ortodoxa, ligada à assim chamada “oração de Jesus”. Nessa, a sobriedade indica “um método espiritual” feito de “vigilante atenção” para libertar-se de pensamentos passionais e das palavras más, retirando da mente toda satisfação carnal e deixando nela, como única atividade, a contrição pelo pecado e a oração³³.

Com nomes diferentes (despojamento, purificação, mortificação), é a mesma doutrina ascética que se encontra nos santos e nos mestres latinos. São João da Cruz fala de um “despojar-se e despir-se, para o Senhor, de tudo aquilo que não é o Senhor³⁴”. Estamos na fase da vida espiritual chamada de purgativa e iluminativa. Nessa, a alma se liberta laboriosamente dos seus hábitos naturais, para preparar-se à união com Deus e às suas comunicações de graça. Estas coisas caracterizam o terceiro estágio, a “via unitiva” que os autores gregos chamam “divinização”.

Nós somos os herdeiros de uma espiritualidade que concebia o caminho de perfeição de acordo com esta sequência: primeiro devemos habitar por muito tempo na etapa purgativa, antes de entrar na unitiva; é necessário exercitar por muito tempo a sobriedade, antes de poder experimentar a embriaguez. Todo fervor que se manifestasse antes daquele momento deveria ser considerado suspeito. A embriaguez espiritual, com tudo o que ela significa, se destina, no final, aos “perfeitos”. Os outros, “os "proficientes", devem buscar especialmente a mortificação, sem pretender, enquanto lutam ainda com os seus próprios defeitos, de fazer já uma experiência forte e direta de Deus e do seu Espírito.

xiste uma grande sabedoria e experiência na base de tudo, e aí daquele que considerar essas coisas como ultrapassadas. É necessário, porém, dizer que um esquema tão rígido assim denota também uma lenta e progressiva mudança de acento, da graça ao esforço do homem, da fé às obras, até beirar o pelagianismo. De acordo com o Novo Testamento há uma circularidade e uma simultaneidade entre as duas coisas: a sobriedade é necessária para atingir a embriaguez do Espírito, e a embriaguez do Espírito é necessária para chegar a praticar a sobriedade.

³³ Cfr. Esichio, *Carta a Teodulo*, in *Filocalia*, I, Torino 1982, p. 230ss).

³⁴ São João da Cruz, *Subida ao Monte Carmelo* 5, 7; in *Obras*, Roma 1979, p. 82)

Um ascetismo realizado sem um forte impulso do Espírito seria esforço morto, e não produziria mais do que "o orgulho da carne". Para São Paulo, é "com a ajuda do Espírito" que devemos "morrer às obras da carne" (cfr. Rom 8,13).

O Espírito nos é dado, portanto, para sermos capazes de mortificar-nos, antes mesmo que como prêmio por ter-nos mortificado.

Uma vida cristã cheia de esforços ascéticos e de mortificações, mas sem o toque vivificante do Espírito, assemelhar-se-ia – dizia um antigo Padre – a uma Missa na qual se lessem muitas leituras, se realizassem todos os ritos e se levassem muitas ofertas, mas na qual não ocorresse a consagração das espécies por parte do sacerdote. Tudo permaneceria o que era antes, pão e vinho.

“Assim - concluía o Padre – é também para o cristão. Se também ele realizou perfeitamente o jejum e a vigília, a salmodia e toda a ascese e cada virtude, mas não realizou, pela graça de Deus, no altar do seu coração, a mística obra do Espírito, todo esse processo ascético é inacabado e quase vão, porque ele não tem a exultação do Espírito misticamente obrando no coração³⁵”.

Este segundo caminho – aquele que vai da embriaguez à sobriedade – foi o caminho que Jesus fez com que os seus apóstolos percorressem. Apesar de terem tido como mestre e diretor espiritual o próprio Jesus, antes de Pentecostes eles não foram capazes de colocar em prática quase nenhum dos preceitos evangélicos. Mas quando, em Pentecostes, foram batizados com o Espírito Santo, então os vemos transformados, capacitados para suportar por Cristo dificuldades de todo tipo e, por fim, o próprio martírio. O Espírito Santo foi a causa do fervor deles, muito mais que o efeito dele.

Há uma outra razão que nos leva a redescobrir este caminho que vai da embriaguez à sobriedade. A vida cristã não é apenas uma questão de crescimento pessoal em santidade; é também ministério, serviço, anúncio, e para cumprir essas tarefas precisamos do "poder do alto", dos carismas; em uma palavra, de uma experiência forte, pentecostal, do Espírito Santo.

Precisamos da sóbria embriaguez do Espírito, ainda mais do que tinham os Padres. O mundo tornou-se tão indiferente ao Evangelho, tão seguro de si que somente o “vinho forte” do Espírito pode ter dar razão à sua incredulidade e puxá-lo para fora da sua sobriedade toda humana e racionalista que se acha “objetividade científica”. Só as armas espirituais, diz o Apóstolo, “têm o poder de Deus de destruir fortalezas, destruir os argumentos e toda arrogância que se levanta contra o conhecimento de Deus, e de submeter toda inteligência à obediência de Cristo" (2 Cor 10, 4-5).

³⁵ Macario Egiziano, in *Filocalia*, 3, Torino 1985, p. 325).

3. O batismo no Espírito

Quais são os "lugares" onde o Espírito atua hoje desta maneira Pentecostal? Vamos ouvir mais uma vez a voz de Santo Ambrósio, que foi o cantor por excelência, entre os Padres latinos, da sóbria embriaguez do Espírito. Depois de ter recordado os dois "lugares" clássicos onde beber o Espírito – a Eucaristia e as Escrituras -, ele menciona uma terceira possibilidade. Diz:

"Há também uma outra embriaguez que ocorre por meio da penetrante chuva do Espírito Santo. Foi assim que, nos Atos dos Apóstolos, aqueles que falavam em línguas diferentes apareceram aos ouvintes como se estivessem cheios de vinho³⁶".

Depois de recordar os meios "ordinários", Santo Ambrósio, com estas palavras, aponta para um meio diferente, "extraordinário", no sentido de que não é fixado antecipadamente, não é algo estabelecido. Consiste no reviver a experiência que os apóstolos fizeram no dia de Pentecostes. Ambrósio não pretendia certamente apontar para esta terceira possibilidade, para dizer aos ouvintes que esta estava restrita para eles, estando reservada somente para os apóstolos e para a primeira geração de cristãos. Pelo contrário, ele pretende levar os seus fiéis a fazer a experiência daquela "chuva penetrante do Espírito" que ocorreu em Pentecostes.

Portanto, está aberto também para nós a possibilidade de alcançar o Espírito por este novo caminho, pessoal, dependente unicamente da soberana e livre iniciativa de Deus. Não devemos cair no erro dos fariseus e dos escribas que diziam a Jesus: "Existem seis dias para trabalhar; por que, então, fazer estes milagres no dia de sábado?" (Lc 13, 14). Podemos ser tentados a dizer a Deus, ou pensar em nossos corações: "Existem sete sacramentos para santificar e dar o Espírito, por que agir fora deles, com este modo novo e incomum?"

O teólogo Yves Congar, em suas palavras no Congresso Internacional de Pneumatologia, realizado no Vaticano em 1981, por ocasião do XVI centenário do Concílio Ecumênico de Constantinopla, falando dos sinais do renascimento do Espírito Santo em nosso tempo, disse:

"Como não situar aqui a corrente carismática, mais conhecida como Renovação no Espírito? Ela se espalhou como fogo no mato. É muito mais do que uma moda passageira ... Por um aspecto, especialmente, ela se assemelha a um movimento de despertar: pelo seu caráter público e verificável da sua ação que muda a vida das pessoas... É como uma juventude, um frescor e novas possibilidades dentro da antiga Igreja, nossa mãe. Exceto, por muito raras exceções, a renovação se coloca na Igreja e, longe de pôr em causa as instituições tradicionais, as reanima³⁷".

É verdade que esta, como outras análogas realidades novas da Igreja de hoje, apresenta por vezes lados problemáticos, excessos, divisões, pecados. Isso foi, também para mim, no começo pedra

³⁶ Santo Ambrósio, *Comm. al Sal 35*, 19.

³⁷ Y. Congar, *Actualité de la Pneumatologie*, in *Credo in Spiritum Sanctum*, Libreria Editrice Vaticana, 1983, I, p. 17ss.

de escândalo. Mas isso acontece com todos os dons de Deus, assim que caem nas mãos dos homens. Será que a autoridade sempre foi exercida na Igreja conforme o Evangelho, sem manchas de autoritarismo e busca humana pelo poder? No entanto, ninguém sonha com eliminar esse carisma na vida da Igreja. Não foram isentos de desordens e defeitos nem mesmo nas primeiras comunidades carismáticas cristãs, como aquela de Corinto. O Espírito não faz todos e de uma vez santos. Age em diferentes graus e de acordo com a correspondência que encontra.

O principal instrumento através do qual a Renovação no Espírito "muda a vida das pessoas" é o batismo no Espírito. E falo disso nessa sede sem nenhuma intenção de proselitismo, mas só porque penso que seja correto dar a conhecer no coração da Igreja uma realidade que envolve milhões de católicos.

A expressão "Batismo no Espírito" vem do próprio Jesus. Referindo-se ao iminente Pentecostes, antes de subir ao céu, ele disse aos seus apóstolos: "João batizou com água, mas vós, em poucos dias, sereis batizados no Espírito Santo" (Atos 1,5). Trata-se de um ritual que não tem nada de esotérico, mas é feito pelo contrário com gestos de grande simplicidade, calma e alegria, acompanhados por atitudes de humildade, de arrependimento, de disponibilidade a tornar-se criança, que é a condição para entrar no Reino.

É uma renovação e uma atualização não só do batismo e da crisma, mas de toda a vida cristã: para os casados, do sacramento do matrimônio, para os sacerdotes, da sua ordenação, para os consagrados, da sua profissão religiosa. O interessado se prepara, além de uma boa confissão, participando de encontros de catequeses nos quais é recolocado em um contato vivo e alegre com as principais verdades e realidades da fé: o amor de Deus, o pecado, a salvação, a vida nova, a transformação em Cristo, os carismas, os frutos do Espírito. O fruto mais frequente e mais importante é a descoberta do que significa ter "um relacionamento pessoal" com Jesus ressuscitado e vivo.

Uma década após o surgimento da Renovação Carismática na Igreja Católica, Karl Rahner escrevia:

"Não podemos negar que o homem pode fazer aqui em baixo *experiências* da graça, as quais lhe dão uma sensação de libertação, abrem-lhe horizontes totalmente novos, marcam-no profundamente, transformam-no, plasmando, também por longo tempo, a sua atitude cristã mais íntima. Nada proíbe de chamar tais experiências *batismo do Espírito*³⁸".

É justo esperar que todos passem por esta experiência? Essa é a única maneira possível de experimentar a graça de Pentecostes? Se por batismo no Espírito queremos dizer um determinado rito, em um determinado contexto, devemos dizer não; não é a única maneira de fazer uma experiência forte do Espírito. Houve e há inúmeros cristãos que fizeram uma

³⁸ K. Rahner, *Erfahrung des Geistes. Meditation auf Pfingsten*, Herder, Friburgo i. Br. 1977.

experiência semelhante, sem nada saber do batismo no Espírito, recebendo uma efusão espontânea do Espírito, depois de um retiro, um encontro, uma leitura, um toque da graça.

Deve ser dito, porém, que o "batismo no Espírito" provou ser uma maneira simples e poderosa de renovar a vida de milhões de crentes em quase todas as igrejas cristãs.

Até mesmo um curso de exercícios espirituais pode muito bem acabar com uma invocação especial do Espírito Santo, se o guia fez essa experiência e os participantes a desejarem. Fiz essa experiência no ano passado. O bispo de uma diocese ao sul de Londres lançou, de sua própria iniciativa, um retiro carismático aberto ao clero de outras dioceses. Havia uma centena de sacerdotes e diáconos permanentes e, no final todo mundo pediu e recebeu a efusão do Espírito, com o apoio de um grupo de leigos da Renovação vindos para a ocasião. Se os frutos do Espírito são "amor, alegria e paz" (Gal 5, 19), no final era possível tocar com a mão entre os presentes.

Não se trata de aderir a um ou outro movimento na Igreja. Não se trata nem mesmo, propriamente falando, de um movimento, mas de uma "corrente de graça" aberta a todos, destinada a se perder na Igreja como uma descarga elétrica que se dissipa na massa, para depois desaparecer, uma vez cumprida esta tarefa. São João XXIII falou de um "novo Pentecostes", o Beato Paulo VI foi ainda mais longe falando de um "perene Pentecostes". Em uma audiência geral de 1972, disse literalmente estas palavras:

"A Igreja precisa do seu perene Pentecostes; precisa de fogo no coração, de palavra nos lábios, de profecia no olhar... Tem necessidade, a Igreja, de reconquistar a ânsia, o gosto, a certeza da sua verdade... E depois tem a necessidade, a Igreja, de sentir o refluir da onda de amor por todas as suas humanas faculdades, daquele amor que se chama caridade, e que precisamente está difundido nos nossos corações precisamente pelo Espírito Santo que nos foi dado³⁹".

Concluimos com as palavras do hino litúrgico recordado no começo:

Seja Cristo o nosso alimento,
seja Cristo a água viva:
nele provamos sóbrios
a embriaguez do Espírito.

³⁹ Discurso à audiência geral do 29 de Novembro de 1972 (*Insegnamenti di Paolo VI*, Tipografia Poliglotta Vaticana, X, pp. 1210s.).

QUARTA PREGAÇÃO DE ADVENTO

“ENCARNADO NO SEIO DA VIRGEM MARIA POR OBRA DO ESPÍRITO SANTO”

1. Natal, mistério “para nós”

Continuando nossas reflexões sobre o Espírito Santo, na iminência do Natal, queremos meditar sobre o artigo do Credo que fala da obra do Espírito Santo na Encarnação. No Credo dizemos: "E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus, e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem".

Santo Agostinho distinguia dois modos de celebrar um acontecimento da história da salvação: o modo de mistério ("no sacramento"), ou o modo de simples aniversário. Na celebração a modo de aniversário, não se necessita outra coisa – dizia – a não ser “indicar com uma solenidade religiosa o dia do ano em que ocorre o próprio acontecimento”; na celebração a modo de mistério, “não somente se comemora um acontecimento, mas ele é realizado, de tal forma que se compreenda o seu significado para nós e, assim, este seja acolhido santamente⁴⁰”.

O Natal não é uma celebração a modo de aniversário (a escolha da data de 25 de dezembro não é devida, sabemos, a razões históricas, mas simbólicas e de conteúdo); é uma celebração a modo de mistério que exige ser compreendida no seu significado para nós. São Leão Magno iluminava o significado místico do “sacramento da natividade de Cristo”, dizendo que “os filhos da Igreja foram gerados com Cristo no seu nascimento, assim como foram crucificados com ele na paixão e ressuscitados com ele na ressurreição⁴¹”.

Na origem de tudo, está o dado bíblico, realizado, uma vez por todas, em Maria: a Virgem se torna Mãe de Jesus por obra do Espírito Santo. Tal mistério *histórico*, como todos os fatos da salvação, se prolonga a nível *sacramental* na Igreja e a nível *moral* na alma de cada crente. Maria, na sua qualidade de Virgem Mãe que gera o Cristo por obra do Espírito Santo, aparece como o “tipo”, ou o exemplar perfeito, da Igreja e da alma crente. Ouçamos como um autor da Idade Média, Santo Isaque de Stella, resume o pensamento dos Padres a este respeito:

"Maria e a Igreja são uma mãe e mais mães; uma virgem e mais virgens. Uma e outra mãe, uma e outra virgem... Por isso, nas Escrituras divinamente inspiradas, o que se diz de modo universal da Virgem Mãe Igreja, entende-se de forma especial da Virgem Mãe Maria; e o que se diz de forma especial de Maria entende-se em sentido geral da Virgem Mãe Igreja... por fim, toda alma fiel, esposa do Verbo de Deus, mãe, filha e irmã de Cristo, é tida também, a seu modo, virgem e fecunda. A própria Sabedoria de Deus que é o Verbo do Pai aplica portanto *universalmente* à Igreja o que se diz *especialmente* de Maria e *individualmente* também da alma fiel⁴²".

⁴⁰ S. Agostinho, *Epistola* 55,1,2 (CSEL, 34,1, p.170).

⁴¹ S. Leão Magno, *Sermone* VI di Natale, 2 (PL 54, 213).

⁴² Isaque da Stella, *Sermo* 51; PL 194, 1863. 1865.

Esta visão patrística foi iluminada no concílio vaticano II, nos capítulos que a constituição *Lumen Gentium* dedica a Maria. Aqui, portanto, em três parágrafos diferentes, fala-se da Virgem Mãe Maria, como exemplar e modelo da Igreja (n. 63), chamada, essa também, a ser, na fé, virgem e mãe (n. 64), e da alma crente que, imitando as virtudes de Maria, faz nascer e crescer Jesus no seu coração e no coração dos irmãos (n. 65).

2. "Por obra do Espírito Santo"

Meditemos, em seguida, no papel de cada um dos dois protagonistas, o Espírito Santo e Maria, para depois buscar tirar algum ponto de vista do nosso Natal. Escreve Santo Ambrósio:

"É obra do Espírito Santo o parto da Virgem... Não podemos, portanto, duvidar de que seja criador aquele Espírito que sabemos que é o fator da encarnação do Senhor... se, portanto, a Virgem concebeu graças à obra e à força do Espírito, quem poderia negar que o Espírito é criador?⁴³".

Ambrósio interpreta perfeitamente, neste texto, o papel que o Evangelho atribui ao Espírito Santo na encarnação, chamando-o, em seguida, Espírito Santo e Potência do Altíssimo (cf. Lc 1,35). Ele é o "Spiritus creator" que atua para levar os seres à existência (como em Gn 1,2), para criar uma nova e mais elevada situação de vida; é o Espírito "que é o Senhor e dá a vida", como proclamamos no próprio símbolo de fé.

Também aqui, como no início, ele cria "do nada", ou seja, do vazio das possibilidades humanas, sem necessidade de nenhuma colaboração e de nenhum apoio. E este "nada", este vazio, esta ausência de explicações e de causas naturais, se chama, no nosso caso, a virgindade de Maria: "Como é possível? Não conheço homem... O Espírito Santo descerá sobre ti" (Lc 1, 34-35). A virgindade é aqui um sinal grandioso que não é possível eliminar ou anular, sem tirar o sentido de todo o tecido da narração evangélica e o seu significado.

O Espírito que desce sobre Maria é, então, o Espírito Criador que milagrosamente molda da Virgem a carne de Cristo; mas é também mais; além de "creator Spiritus", ele é, para Maria, também "fons vivus, ignis, caritas et spiritalis unctio", ou seja: água viva, fogo, amor e unção espiritual. Seria muito empobrecido o mistério, caso ele fosse reduzido somente à sua dimensão objetiva, ou seja, às suas implicações dogmáticas (dualidade das naturezas, unidade da pessoa), negligenciando os seus aspectos subjetivos e existenciais.

São Paulo fala de uma "carta de Cristo escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne dos corações" (2 Cor 3,3). O Espírito Santo escreveu esta carta maravilhosa que é Cristo primeiramente no coração de Maria, de modo que – como diz Santo Agostinho – "enquanto a carne de Cristo se formava no seio de Maria, a verdade de Cristo se imprimia no coração de Maria"⁴⁴. O famoso ditado do próprio Agostinho segundo o qual Maria "concebeu Cristo antes no coração e depois no corpo ("prius concepit mente quam

⁴³ S. Ambrósio, *De Spiritu Sancto*, 11,40-43.

⁴⁴ S. Agostinho, *Sermo Denis*, 25,7; PL 46,938.

corpore") significa que o Espírito Santo agiu no coração de Maria iluminando-o e inflamando-o de Cristo, antes ainda do que no seio de Maria, enchendo-o de Cristo.

Somente os santos e místicos, que fizeram uma experiência pessoal da irrupção de Deus nas suas vidas, podem ajudar-nos a intuir o que deve ter experimentado Maria no momento da encarnação do Verbo no seu seio. Um deles, São Boaventura, escreveu:

"Sobreveio nela o Espírito Santo como fogo divino que inflamou a sua mente e santificou a sua carne, dando-lhe uma perfeitíssima pureza. Mas também a potência do Altíssimo a cobriu com a sua sombra para que pudesse suportar tal ardor... Oh, se tu fosses capaz de sentir, até certo ponto, quanto e quão grande foi aquele incêndio descido do céu, qual o refrigerio trazido, qual o consolo infundido, qual elevação da Virgem Mãe, qual enobrecimento do gênero humano, quanta condescendência da parte da Majestade divina!... Penso que, então, também tu começarias a cantar, com voz suave, juntamente com a beatíssima virgem, aquele sagrado cântico: "A Minha alma engrandece o Senhor" e, pulando e saltitando, adorarias também tu, com o profeta menino, a maravilhosa concepção da Virgem⁴⁵".

A encarnação foi vivida por Maria como uma evento carismático ao mais alto grau que a tornou o modelo da alma "fervorosa no Espírito" (Rm 12,11). Foi o seu Pentecostes. Muitos gestos e palavras de Maria, especialmente na narração da visita a Santa Isabel, não se compreendem, a não ser vistos nesta perspectiva de uma experiência mística sem comparação. Tudo aquilo que vemos acontecer visivelmente em uma pessoa visitada pela graça (amor, alegria, paz, luz) devemos reconhecê-lo, em medida única, em Maria, na anunciação. Maria foi a primeira que experimentou "a sóbria embriaguez do Espírito", da qual falamos na última vez, e o *Magnificat* é o melhor testemunho disso.

Trata-se, porém, de uma embriaguez "sóbria", ou seja, humilde. A humildade de Maria depois da encarnação nos é apresentada como um dos maiores milagres da graça divina. Como pôde Maria aguentar o peso deste pensamento: "Tu es a Mãe de Deus! Tu es a mais alta criatura!" Lúcifer não aguentou essa tensão e, tomado pela vertigem da própria altura, precipitou-se. Maria não; ela permaneceu humilde, modesta, como se nada houvesse acontecido na sua vida que fosse motivo para pretensões. Em uma ocasião, o Evangelho mostra-a em ato de mendigar dos outros até mesmo a possibilidade de ver o seu Filho: "Tua mãe e os teus irmãos, dizem a Jesus, estão fora e desejam ver-te" (Lc 8, 20).

3. "De Maria Virgem"

Consideremos agora mais de perto a parte de Maria na Encarnação, a sua resposta à ação do Espírito Santo. A parte de Maria consistiu, objetivamente, no ter dado a carne e o sangue ao Verbo de Deus, na sua divina maternidade. Refaçamos rapidamente o caminho histórico por meio do qual a Igreja chegou a contemplar, na sua plena luz, esta inaudita verdade: mãe de Deus!

⁴⁵ S. Boaventura, *Lignum vitae* 1,3.

Uma criatura, mãe do Criador! “Virgem Mãe, filha do teu Filho – humilde e alta mais do que qualquer criatura”: assim a saúda São Bernardo na Divina Comédia de Dante Alighieri⁴⁶!

No início e durante todo o período dominado pela luta contra a heresia gnóstica e docetista, a maternidade de Maria é vista quase exclusivamente como uma *maternidade física*. Estes hereges negavam que Cristo tivesse um verdadeiro corpo humano, ou, se o tinha, que este corpo humano tivesse nascido de uma mulher, ou, se tivesse nascido de uma mulher, que fosse tirado realmente da carne e do sangue dela. Contra eles, portanto, era necessário afirmar com força que Jesus era filho de Maria e “fruto do seu seio” (Lc 1,42), e que Maria era Mãe verdadeira e natural de Jesus.

Nesta fase antiga, na qual se afirma a maternidade real ou natural de Maria contra os gnósticos e os docetistas, aparece pela primeira vez o título *Theotókos*. De agora em diante, será precisamente o uso deste título que conduzirá a Igreja à descoberta de uma maternidade divina mais profunda, que poderemos chamar *maternidade metafísica*, em quanto que pertencente à pessoa do Verbo.

Aconteceu durante a época das grandes controvérsias cristológicas do V século, quando o problema central, em torno a Jesus Cristo, não é mais o da sua verdadeira humanidade, mas o da unidade da sua pessoa. A maternidade de Maria não é mais vista somente em referência à natureza humana de Cristo, mas, como é mais justo, em referência à única pessoa do Verbo feito homem. E assim como esta única pessoa que Maria gera segundo a carne não é senão a pessoa divina do Filho, conseqüentemente, ela aparece verdadeira “Mãe de Deus”.

Entre Maria e Cristo não há mais só uma relação de ordem física, mas também de ordem metafísica, e isso a coloca a uma altura vertiginosa, criando uma relação singular também entre ela e o Pai. Santo Inácio de Antioquia chama Jesus “Filho de Deus e de Maria⁴⁷”, quase como dizemos de uma pessoa que é filho do tal e da tal. Com o Concílio de Éfeso, esta verdade se torna para sempre uma conquista da Igreja: “Se alguém – lê-se em um texto aprovado por este concílio – não confessa que Deus é verdadeiramente o Emanuel e que por isso a Santa Virgem, tendo gerado segundo a carne o Verbo de Deus feito carne, é a *Theotókos*, seja anátema⁴⁸”.

Mas também este objetivo não era definitivo. Havia um outro nível para descobrir na maternidade divina de Maria, após aquele físico e metafísico. Nas controvérsias cristológicas, o título de *Theotókos* era valorizado mais em função da pessoa de Cristo do que daquela de Maria, apesar de ser um título mariano. De tal título não se tiravam ainda as conseqüências lógicas com relação à pessoa de Maria e, especialmente, a sua santidade única.

O título de *Theotókos* corria o perigo de se tornar uma arma de guerra entre opostas correntes teológicas, mais do que a expressão da fé e da piedade da Igreja com Maria. A prova disso é um particular desagradável que não deve ser esquecido. Precisamente Cirilo de Alexandria, que lutou como um leão pelo título de *Theotókos*, é o homem que representa, entre os Padres da Igreja, uma particular oposição com relação à santidade de Maria. Ele foi um dos poucos a

⁴⁶ Dante, *Par.* XXXIII,1.

⁴⁷ S. Inácio de Antioquia, *Efesini*, 7,2.

⁴⁸ S. Cirilo Al., *Anatematismo I contra Nestorio* (DS, nr. 252)

admitir francamente fraquezas e defeitos na vida de Maria, especialmente ao pés da cruz. Aqui, segundo ele, a Mãe de Deus vacilou na fé: “O Senhor – escreve – deveria, naquela situação difícil, cuidar da Mãe que havia caído no escândalo e não havia compreendido a paixão, e o fez confiando-a a João, como um ótimo mestre que devia corrigi-la⁴⁹”.

Ele não podia admitir que uma mulher, nem mesmo a Mãe de Jesus, pudesse ter tido uma fé maior do que aquela dos apóstolos que, embora sendo homens, vacilaram no momento da paixão! São palavras que derivam da desestima generalizada pela mulher do mundo antigo e que mostram o quão pouco valia reconhecer em Maria uma maternidade física e metafísica com relação a Jesus, se não se reconhecia nela também uma maternidade espiritual, ou seja, do coração, mais que do corpo.

Aqui reside a grande contribuição dos autores latinos e, especialmente, de Santo Agostinho, ao desenvolvimento da mariologia. A maternidade de Maria é vista por eles como um maternidade na fé. Sobre as palavras de Jesus: “Minha mãe e os meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a colocam em prática” (Lc 8, 21), Agostinho escreve:

"Não fez a vontade do Pai a Virgem Maria, que pela fé acreditou, pela fé concebeu, que foi escolhida para que dela nascesse para os homens a salvação, que foi criada por Cristo, antes que nela fosse criada Cristo? Claro que Santa Maria fez a Vontade do Pai e, por isso, é maior para Maria ter sido discípula de Cristo do que ter sido Mãe de Cristo⁵⁰".

Esta última ousada afirmação se baseia na resposta que Jesus deu à mulher que proclamava “bem-aventurada” a mãe que o levou no seio e o amamentou: “Bem-aventurados, antes, aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11, 27-28).

A maternidade física de Maria e aquela metafísica foram coroadas pelo reconhecimento de uma maternidade espiritual, ou de fé, que faz de Maria a primeira e mais dócil discípula de Cristo. O fruto mais belo deste novo olhar da Virgem é a importância que assume então o tema da “santidade” de Maria. Dela – escreve ainda Santo Agostinho – “por honra devida ao Senhor, não se deve nem sequer mencionar quando se fala do pecado⁵¹”. A Igreja latina expressará essa prerrogativa com o título de “Imaculada” e a igreja grega com o de “Toda Santa” (*Panhagia*).

4. O terceiro nascimento de Jesus

Agora vamos ver o que o "mistério" do nascimento de Jesus, de Maria Virgem, por obra do Espírito Santo, significa "para nós". Há um pensamento ousado sobre o Natal que volta à tona de geração em geração na boca dos maiores doutores e mestres do espírito da Igreja: Orígenes, Santo Agostinho, São Bernardo e outros. Essencialmente diz o seguinte: "O que me importa se Cristo nasceu uma vez em Belém, se ele não nasce pela fé no meu coração?⁵²". “Onde é que

⁴⁹ S. Cirilo Al., *In Johannem*. XII,19-25-27 (PG 74,661-665).

⁵⁰ S. Agostinho, *Discorsi* 72 A (Miscellanea Agostiniana, I, p.162).

⁵¹ S. Agostinho, *Natura e grazia*, 36,42 (CSEL 60, p.263s.).

⁵² Cf. Por ex. Orígenes, *Comentário ao evangelho de Lucas* 22,3 (SCh 87,p. 302).

Cristo nasce, no sentido mais profundo, se não no seu coração e na sua alma?”, escreve Santo Ambrósio⁵³.

Santo Tomás de Aquino recolhe a tradição constante da Igreja quando explica as três Missas que se celebram no Natal com referência ao triplo nascimento do Verbo: aquela eterna do Pai, aquela temporal da Virgem e aquela espiritual da alma crente⁵⁴. Ecoando essa mesma tradição, São João XXIII, em sua mensagem de Natal de 1962, elevava essa ardente oração: "O Verbo eterno do Pai, Filho de Deus e de Maria, renova também hoje, no segredo das almas, o admirável prodígio do teu nascimento”.

De onde vem esta ideia audaz de que Jesus não só nasceu “por” nós, mas também nasce “em” nós? São Paulo fala de Cristo que deve “formar-se” em nós (Gl 4,19); diz também que, no batismo, o cristão “reveste Cristo” (Rm 13,14) e que Cristo deve vir para “habitar pela fé nos nossos corações” (Ef 3,17). O tema do nascimento de Cristo na alma repousa especialmente na doutrina do corpo místico. Segundo essa Cristo repete misticamente "em nós", o que ele fez uma vez "para nós" na história. Isso vale para o mistério pascal, mas vale também para o mistério da encarnação: “O Verbo de Deus, escreve São Máximo Confessor, quer repetir em todos os homens o mistério da sua encarnação⁵⁵”.

O Espírito Santo nos convida, então, a "retornar ao coração", para celebrar nele um Natal mais íntimo e mais verdadeiro, que torne “verdadeiro” também o Natal que celebramos externamente, nos ritos e nas tradições. O Pai quer gerar em nós o seu Verbo para poder pronunciar, sempre de novo, voltado a Jesus e a nós juntos, aquela dulcíssima palavra: “Tu es o meu filho; hoje te gerei” (Hb 1,5). O próprio Jesus deseja nascer no nosso coração. É assim que o devemos pensar na fé: como se, nestes últimos dias de Advento, ele passasse entre nós e batesse de porta em porta, como aquela noite em Belém, em busca de um coração onde nascer espiritualmente.

São Boaventura escreveu um livrinho intitulado “As cinco festas de Jesus Menino”. Nele explica o que quer dizer, em concreto, fazer nascer Jesus no próprio coração. A alma devota, escreve, pode espiritualmente conceber o Verbo de Deus como Maria na anunciação, dar-lhe à luz como Maria no Natal, dar-lhe o nome como na Circuncisão, buscá-lo e adorá-lo com os Magos como na Epifania, e, por fim, oferecê-lo ao Pai, com na Apresentação ao templo⁵⁶.

A alma, explica, concebe Jesus quando, insatisfeita com a vida que leva, estimulada por santas inspirações e inflamando-se de santo ardor, por fim, cansando-se resolutamente dos seus velhos hábitos e defeitos, é como que fecundada espiritualmente pela graça do Espírito Santo e concebe o propósito de uma vida nova. Aconteceu a concepção de Cristo!

Este propósito de vida nova deve, contudo, traduzir-se, sem demora, em algo concreto, em uma mudança possivelmente também externa e visível, na nossa vida e nos nossos hábitos. Se o propósito não se atualiza, Jesus é concebido, mas não “dado à luz”. Não se celebra “a segunda

⁵³ S. Ambrósio, *In Lucam*, 11,38.

⁵⁴ S. Tomás de Aquino, *S. Th.* III, q. 83,2.

⁵⁵ S. Massimo Confessor, *Ambigua* (PG 91,1084).

⁵⁶ S. Boaventura, *Le cinque feste di Gesù Bambino*, prologo (ed. Quaracchi, 1949, pp. 207 ss.).

festa” de Jesus Menino que é o Natal! É um aborto espiritual, um dos vários adiamentos da vida e uma das razões principais de tão poucos se tornarem santos.

Se você decidir mudar o seu estilo de vida, diz São Boaventura, deverá enfrentar-se com dois tipos de tentações. Primeiramente virão a você os homens carnisais do seu ambiente e lhe dirão: “É muito árduo o que você está começando; não conseguirá, não terá forças, a sua saúde vai se arruinar; estas coisas não estão de acordo com o seu estato, vai comprometer o bom nome e a dignidade do seu cargo...”.

Superado esse obstáculo, apresentar-se-ão outros que têm fama de ser e, talvez, são também de fato pessoas piedosas, religiosas, mas que não acreditam realmente no poder de Deus e do seu Espírito. Estes irão dizer-lhe que, se começar a viver dessa forma – dando tanto tempo à oração, evitando as fofocas inúteis, fazendo obras de caridade - , rapidamente será tido como santo, um homem espiritual, e você sabe muito bem que não é, vai acabar enganando as pessoas e sendo um hipócrita, atraindo sobre você a ira de Deus que prescruta os corações. Deixa para lá, faça como todos!

Para todas estas tentações, é necessário responder com fé: “Não, a mão do Senhor não é muito curta para salvar!” (Is 59, 1) e, quase irritando-nos conosco mesmos, exclamar, como Agostinho na vigília da sua conversão: “Se estes e estas, por que também não eu?⁵⁷”

Terminemos recitando juntos a oração encontrada em um papiro onde a Virgem é invocada com o título de *Theotokos*, Dei genitrix, Mãe de Deus:

Sub tuum praesidium confugimus,
Sancta Dei Genetrix.
Nostras deprecationes ne despicias in necessitatibus,
sed a periculis cunctis libera nos semper,
Virgo gloriosa et benedicta.

Sob a vossa proteção nos refugiamos, Santa Mãe de Deus.
Aos nossos pedidos, não fecheis vossos ouvidos.
Livrai-nos sempre de todo perigo, Virgem Gloriosa, por Deus abençoada.

⁵⁷ S. Agostinho, *Confessioni*, VIII,8 (“Si isti et istae, cur non ego?”).

“CREIO NO ESPÍRITO SANTO”	3
1. <i>A novidade do pós-concílio.....</i>	3
2. <i>O credo lido de baixo</i>	4
3. <i>Um comentário ao “terceiro artigo”</i>	6
4. <i>Um artigo a ser completado.....</i>	8
O ESPÍRITO SANTO E O CARISMA DO DISCERNIMENTO	10
1. <i>O discernimento na vida eclesial.....</i>	10
2. <i>O discernimento na vida pessoal.....</i>	12
3. <i>Deixar-se guiar pelo Espírito Santo.....</i>	15
A SÓBRIA EMBRIAGUEZ DO ESPÍRITO.....	17
1. <i>Dois tipos de embriaguez.....</i>	17
2. <i>Da embriaguez à sobriedade</i>	18
3. <i>O batismo no Espírito.....</i>	21
“ENCARNADO NO SEIO DA VIRGEM MARIA POR OBRA DO ESPÍRITO SANTO”	24
1. <i>Natal, mistério “para nós”</i>	24
2. <i>“Por obra do Espírito Santo”</i>	25
3. <i>“De Maria Virgem”</i>	26
4. <i>O terceiro nascimento de Jesus</i>	28